



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ALEXSANDER ALMEIDA MACIEL CELENTE

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-335

Entrevistado: Alexsander Almeida Maciel Celente

Nascimento: 21/12/1980

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 06/06/2013

Transcrição: Natália Bender/ Bruna Perla

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 20 minutos e 3 segundos.

Páginas Digitadas: dez páginas

Observações:

Entrevista realizada para o Projeto *A participação gaúcha nos Jogos Olímpicos*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Primeiros contatos com o esporte; O gosto pela modalidade golbol; Esclarecendo a modalidade golbol; Sobre as competições; Vaga para as Olimpíadas; Treinamento; A modalidade aqui no RS; Sobre os treinadores; As dificuldades para praticar a modalidade esportiva; Incentivos do governo ao atleta; Seleção para os Jogos Olímpicos; Condições de competição; Mudanças após a participação nos jogos; Migração para São Paulo; Atividade fora o esporte; Vida de atleta e emprego; Considerações finais.

Porto Alegre, 06 de junho de 2013. Entrevista com Alexsander Almeida Maciel Celente a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Olá Alexsander, primeiramente gostaríamos de agradecer a sua disponibilidade para nos conceder essa entrevista. Para nós é de grande importância. Como foi a sua inserção no esporte?

A.C. – Bem, eu comecei no esporte já na escola, quando eu tinha uns oito ou nove anos, eu conheci a modalidade o golbol, a minha modalidade hoje paralímpica, eu conheci na época na escola, tinha campeonatos internos assim entre as turmas, que eu estudava na escola Instituto Santa Luzia, era uma escola de, na época mais para pessoas com deficiência visual do que para pessoas normais, hoje em dia já é misto devido à inclusão e assim, eu conheci lá, depois com treze anos eu treze catorze anos eu participei do meu primeiro campeonato oficial mesmo, fora de Porto Alegre, o campeonato oficial da modalidade, um campeonato da Confederação. E de lá pra cá eu não parei mais, eu já vim conquistando várias medalhas e tal e em 2001 eu fui convocado pela primeira vez para a seleção brasileira, e de lá pra cá eu não deixei de ser convocado até o ano passado.

C.M. – Essa modalidade foi desde o início do seu envolvimento com o esporte?

A.C. – Sim.

C.M. – Quem influenciou na sua carreira de atleta?

A.C. – Eu acho que eu sempre gostei da educação física na escola, eu acho que na época quando eu comecei essa modalidade tinha um professor chamado Edson e eu gostava, eu gosto de competição assim, eu acho que não teve uma pessoa marcante em si que me influenciou assim, eu mesmo fui gostando da modalidade e aí eu estou aí, adoro essa modalidade.

C.M. – Qual era a situação desse esporte no estado, na cidade, na época que você começou e agora?

A.C. - Bom, deixa eu explicar um pouquinho então da modalidade. Ela foi, essa modalidade, ela é específica para pessoas com deficiência visual, não é um esporte adaptado como o futsal, como o judô, como a natação, esses são adaptados, esses já existiam e eles foram adaptados para pessoas com deficiência nessas modalidades. O golbol não, o golbol ele foi inventado na Segunda Guerra Mundial para reabilitar os soldados mutilados na guerra que perdiam a visão e depois ele foi se tornar um esporte paralímpico lá em 1976 lá em Toronto, foi apresentado nas Paralimpíadas de Toronto e de lá pra cá ele não saiu mais das, ele está presente em todas as edições das Paralimpíadas. No Brasil ele chegou em 1984, se eu não me engano e não é, na época então era muito pouco divulgado essa modalidade, hoje em dia é bem mais reconhecido, a televisão já mostra mais, até porque agora já estamos no ciclo Olímpico do Brasil, ciclo Paralímpico do Brasil que é 2013-2016, então está sendo investido mais nessa área de divulgação dessas modalidades Paralímpicas que não tem, que não tinham muita divulgação, e também porque a gente foi medalhista de prata em Londres. Então assim, na época que eu comecei, ninguém conhecia, o que é golbol? Hoje em dia tem internet, hoje em dia tu fala Golbol alguém vai ali e pesquisa e acha no Youtube, não tem... Então está bem melhor, mas claro que pode melhorar, mas no Brasil eu acho meio difícil porque, não sei se, tomara que mude a minha visão, mas no Brasil a modalidade que aparece é futebol, é muito difícil aparecer outra, vôlei aparece e olha lá ainda. Então agora na televisão o que tu vai ver é futebol, futebol, futebol e tal. Ai rola aqueles rios de dinheiro...

C.M. – A Copa vem antes.

A.C. – É, isso ai.

C.M. – Quais as competições você destacaria na sua carreira?

A.C. – As minhas competições eu acho assim, toda competição tem a sua importância pessoal, mas as mais importantes com certeza são as internacionais, que a gente se

destacou. Em 2003 a gente quase conseguiu vagas para Atenas¹, lá no Canadá, acho que ficamos em quinto lugar, foi o terceiro ano do Brasil em campeonatos internacionais e nós já estávamos em quinto lugar do mundo, então estava bem legal aquele ano.

C.M. – Esse campeonato era o Mundial?

A.C. – Era o Mundial que valia vaga para as Olimpíadas de Atenas, para as Paralimpíadas de Atenas. Eram cinco vagas e a gente acabou ficando em sexto na verdade. A gente acabou disputando o quinto lugar com a Finlândia e perdemos e ai claro, depois de 2009 o Brasil cresceu muito na modalidade, em 2009 a gente já foi medalhista de prata no Pan, da modalidade só, lá nos Estados Unidos, depois em 2011 a gente foi campeão Parapanamericano de Guadalajara, a seleção onde a gente conseguiu a vaga lá para Londres, nós tínhamos que ser Campeões e fomos à cima dos Estados Unidos, tiramos os Estados Unidos de várias edições e o ano passado que a gente conseguiu a prata em Londres, que é uma medalha, um feito histórico aqui para o Brasil, a gente alavancou a modalidade assim, eu fico feliz por ter feito parte dessa história, que agora, antigamente tinha uns campeonatos, a gente nos campeonatos regionais da Confederação do Brasil, era muito ruim assim, a gente ia, mas dormia em escola, no chão e tal, hoje em dia já está sendo investido bem melhor, esse ano foi a primeira vez que eu fiquei em hotel em um Regional, para ti ter uma ideia, então eu digo, eu acho que a medalha fez efeito, então isso é muito bom.

C.M. – E os locais que você treinava, além do colégio, teve algum clube que vocês têm possibilidade de treinar?

A.C. – É assim, aqui em Porto Alegre, onde eu sempre treinei, não existe nenhum clube, pessoas com deficiência que tenham o seu próprio, a sua própria quadra. Então assim, a gente, eu treinava quando eu comecei a carreira eu treinava aqui no CETE² ali, agora não é mais CETE o nome, eu acho na Érico Veríssimo, eu esqueci o nome. Então...

¹ Jogos Olímpicos de Atenas (1996).

² Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

C.M. – Que é da FUNDERGS³.

A.C. – É da Fundergs, exato. Então assim depois eu troquei de entidade, mas as quadras sempre eram as mesmas. A gente pedia empréstimo para o Instituto Santa Luzia, pede empréstimo para o 9º Batalhão de Polícia Militar, pede a quadra emprestada, aí o pessoal ali dos Bombeiros também empresta a quadra para a gente, então tem várias quadras que a gente utiliza sempre para fazer os treinamentos.

C.M. – O Golbol ele tem alguma estrutura aqui em Porto Alegre ou no Rio Grande do Sul, ele tem alguma confederação, ou regional, alguma coisa?

A.C. – Tem, não assim, é a Confederação que cuida da nossa modalidade é a Confederação Brasileira de Desportos para Deficientes Visuais, CBDV. Então assim, existem cinco regionais, pela Confederação que desses ciclos regionais sai os primeiros colocados que vão para a Copa Brasil. Então assim, tem o regional sul, tem sudeste um e dois, tem o regional centro-norte e o nordeste, são cinco regionais. Aqui em Porto Alegre assim a estrutura, essa questão de confederação ainda está engatinhando. O Rio Grande do Sul não tem uma confederação, estava sendo criada, eu não sei como está a situação agora, mas está engatinhando essa situação, até tem que ter uma confederação estadual, a Confederação Nacional pede que tenha, mas ainda não conseguimos.

C.M. – Quem foram os seus treinadores?

A.C. – Eu comecei com a professora Lia, Lia Offman, foi ela que me inseriu no golbol, foi ela que me fez campeão pela primeira vez na modalidade nacionalmente mesmo, ela é professora de educação física, dá aula no IPA até inclusive. Foi essa que me iniciou no esporte mesmo, na modalidade. Depois teve o Carlos Aurélio, meu treinador, também foi meu treinador aqui no Rio Grande do Sul, Carlos Aurélio Gomes, uma ótima pessoa, e aí têm os treinadores da Seleção, Alessandro Tozim que é o da última edição da Paralimpíada, depois tem o professor Dailton Nascimento, lá da Paraíba, aprendi muito com ele quando eu comecei, quando eu fui convocado para a seleção brasileira, era ele e eu aprendi muito com ele. Eu fiquei treinando com ele na seleção até 2008, a gente foi, eu fui

³ Fundação do Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul.

para Pequim também, só que lá o Brasil não conseguiu medalha. Foram assim, são esses os treinadores, e hoje a gente está com uma treinadora nova lá na minha equipe, que eu estou hoje em dia jogando com o São Paulo, uma equipe de lá CESEC⁴ é o nome dela e a nossa professora Luciana⁵, ela foi uma grande treinadora da equipe feminina brasileira e hoje está com a gente.

C.M. – Luciana sabe o sobrenome?

A.C. – Não sei, tem que ver.

C.M. – Você passou por alguma dificuldade na sua carreira?

A.C. – Eu acho que sim, passei, mas eu não reclamo não, eu acho que toda modalidade que não é que não um mídia que não tem nada em cima, passa por dificuldades, sai do próprio bolso, enfrenta muita dificuldade de encontrar quadra e comprar material, tu tem que trabalhar e treinar, essa é a maior dificuldade acho do atleta de uma modalidade esportiva que não é profissional, às vezes tu tem que trabalhar e treinar, tu tem que ter um emprego e ainda treinar, ainda cuidar da família, então as vezes, isso é a maior dificuldade. Eu ainda me lembro de 2004 que a gente foi campeão nacional naquele ano, nós treinamos o ano inteiro em uma quadra que é da CGTE⁶, eu acho que ficava ali na estação Anchieta, a gente tinha que descer na estação Anchieta e caminhar meia hora para chegar à quadra.

C.M. – Nossa.

A.C. – E a gente ia todo domingo, para ti ter uma ideia, treinar e tal e aquele ano foi, nós fomos para o Brasileiro em uma viagem de quarenta e duas horas de ônibus, chegamos lá três horas da manhã e fomos jogar às nove da manhã.

C.M. – Onde foi mesmo?

⁴ Centro de Emancipação Social e Esportiva de Cegos, em São Paulo.

⁵ Luciana Muller.

⁶ Companhia de Geração Térmica de Energia.

A.C. – Foi em Cuiabá. Lugar quente pra caramba, chegamos às três da manhã, tomamos um banho, fomos dormir, nove horas já tinha jogo. Olha, aquele campeonato a gente foi ainda passou invicto, não sei como no primeiro jogo eu não desmaiei, mas foi recompensador assim, a gente aprende a dar valor às coisas depois quando a gente começa a ganhar. Então hoje em dia graças a Deus tem os programas do governo tem a bolsa atleta, então a gente, quem medalha aqui no Brasil consegue pleitear a bolsa atleta, então ai consegue sanar um pouco as dificuldades.

C.M. – É, mas primeiro tem que...

A.C. – Primeiro tem que, eu tive que ralar, hoje em dia, quem está iniciando hoje, a gente costuma brincar, está nascendo em berço de ouro, porque não passa, às vezes reclama de uma coisinha, a gente até estranha. Mas está reclamando disso cara, a gente passou por tanta coisa tu está reclamando disso ai? Então assim, as pessoas não sabem, não conseguem dar valor quando passa por aquilo, então...

C.M. – Das edições dos Jogos Paralímpicos você participou de Pequim, Londres...

A.C. – Pequim e Londres, Atenas não conseguimos vaga, a gente, ficamos, disputamos a quinta vaga no Mundial no Canadá, em Quebec e acabamos perdendo para a Finlândia e ai não conseguimos ir para Atenas, uma pena, se não seria a terceira Paralimpíada já.

C.M. – E como é que foi a seleção para as equipes dos Jogos Olímpicos no caso das equipes que você participou. Você foi chamado, tem um ranking?

A.C. – Funciona assim, tem as competições, como eu te expliquei os regionais, daí vai para a Copa Brasil, lá tem os treinadores, eles assistem essas competições, treinador da seleção, e convocam nove atletas, no mínimo nove, vamos dizer assim. Nossa modalidade são seis atletas, três reservas, três titulares, desses nove, ele vai fazer, ele tem umas duas fases de treinamento no ano seguinte, por exemplo, a Copa Brasil acontece vamos dizer em outubro, novembro, ai eles convocam já em fevereiro, março, ai começa a ter as fases de treinamento com esses nove atletas, dali ele vai tirar os seis, então é assim que funciona, sempre consegui me manter entre os seis, graças a Deus, treinando forte sempre.

C.M. – O que você gostaria de partilhar, registrar dessas participações, como é que foi o evento, teve algum fato interessante, como é que foi a relação entre a equipe, os outros atletas, as condições da competição?

A.C. – É assim, as vezes eu costumo, as vezes a gente conversa entre os colegas, o auge de qualquer atleta é em uma Olimpíada ou uma Paralimpíada, que é o ápice, é uma competição ápice de cada atleta, então assim, é muito gratificante tu chegar em uma Paralimpíada e mesmo que tu não medalhe entendeu, mas é muito gratificante tu estar lá, tu está entre os melhores do mundo, a gente tem, tu vai com essa consciência já, mas claro que medalhar é melhor ainda, o ano passado a gente medalhou e eu até quero frisar bem, o ano passado foi a união da equipe do Brasil, da seleção masculina foi impecável assim, se não fosse essa união eu acho que a gente não teria chegado lá, e já várias vezes eu já viajei com eles e não tinha essa união, não tinha os seis atletas com, no mesmo nível técnico, o ano passado foi excelente, foi muito bom, por isso que a gente chegou na ponta mesmo.

C.M. – E das condições lá da competição, está melhorando, o que você...

A.C. – Não, não tem o que reclamar, quando é Paralimpíada é tudo, a gente fica na mesma vila que fica os Olímpicos, depois, só que no mês seguinte às Olimpíadas. É um local totalmente acessível, não tem o que reclamar, não tem mesmo, tem muitos voluntários ajudando, não tem essa competição, não tem o que reclamar. Eu não sei como vai ser no Brasil, eu quero estar aqui, eu quero que fique registrado isso aqui, eu acho que o Brasil ainda não tem condição de sediar uma competição desse nível, mas vamos ver como é que vai ser.

C.M. – Depois dos jogos, depois que você foi para as Paralimpíadas, o que mudou na sua carreira?

A.C. – O que mudou. Eu acho que assim, eu acho que mudou a gente, cada vez que viaja pela seleção brasileira tu volta com mais crédito para dentro do Brasil, perante os atletas da modalidade entendeu? Eu acho que o que muda é cada vez tu fica com mais responsabilidade sobre o que tu apresenta nas quadras e sobre o que tu fala, porque a gente

chega em uma competição assim, as vezes eu fico encabulado, porque eu sou, eu não gosto assim muito de, eu não sei lidar muito bem com a fama, mas tu chega, bah, tu é o Alex da seleção, ah, me explica como é que funciona e tal. Ah, tu acha que eu tenho condições, e vem aquelas coisas. Então a responsabilidade fica enorme assim, eu acho que a fama ou a medalha, uma medalha olímpica te traz responsabilidades porque de lá pra cá muitas vezes me chamam para dar palestra em vários lugares, então, inclusive esses tempos eu dei uma palestra aqui na FABICO⁷, acho que é da própria UFRGS⁸...

C.M. – Sim.

A.C. – Para uma turma de mestrado, com o professor Alexandre lá de Pelotas, então, se torna uma responsabilidade do que tu vai falar.

C.M. – O Carriconde⁹?

A.C. – Eu não sei o sobrenome dele, o professor Alexandre é lá de Pelotas.

C.M. – É, eu acho que é.

A.C. – É, ele me convidou para dar uma palestra sobre a modalidade, que ele estava dando uma palestra sobre os esportes olímpicos, todos em geral, então ele deu uma pincelada em todos e pediu para mim falar sobre a modalidade lá para os alunos.

C.M. – Qual a sua relação com o estado do Rio Grande do Sul depois dessa participação? Você continua morando e treinando aqui? Você disse que é um time de São Paulo né?

A.C. – É assim, faz uns dois anos que a equipe daqui não estava muito bem, enfrentou as suas dificuldades e muitos atletas não gostam, não enfrentam como uns, não gostam de treinar e tal aquela coisa, então eu acabei migrando para uma equipe de São Paulo, eu treino aqui ainda, academia e tal, treino bola aqui, claro, ai treino menos, por que a vezes não tem pessoal para treinar, tem que pedir para alguém vir arremessar em mim e tal, mas

⁷ Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.

⁸ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

eu continuo morando aqui e treinando aqui e jogo por São Paulo, daí uma vez por mês eu vou lá em São Paulo treinar com a equipe mesmo para entrosar e tal e vamos para as competições.

C.M. – Além do esporte você tem alguma outra atividade?

A.C. – Tenho, eu sou concursado no Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), sou concursado ali desde 2003, e é meu emprego, ali é o meu emprego mesmo, é ali que eu ganho a minha vida. Claro que hoje em dia tem a bolsa atleta que dá um complemento legal, mas não é o esporte que me dá uma receita maior, que sustenta totalmente.

C.M. – E a relação do trabalho, desse emprego com o trabalho de atleta tem sido fácil?

A.C. – Assim, quando é uma empresa pública, tem a Lei Pelé que te ampara que tem um artigo lá que diz que todo atleta que é convocado, seja para treinamento, para representar a seleção do Brasil dentro ou fora, ele é considerado em efetivo exercício, então eu sou dispensado, é como se eu tivesse trabalhando, mas eu não estou lá na minha mesa, então é obrigação, não tem como eles negarem, mas nunca ouvi piadinha de ninguém, nunca, é muito boa a relação assim.

C.M. – Bom, tem mais alguma coisa que você queira deixar registrado dessa sua experiência de atleta, da participação dos jogos?

A.C. – Eu quero que deixe registrado no fim que eu acho que sem apoio a gente não vai a lugar nenhum. Quando tu é um atleta nível Olímpico Paralímpico tu tem que, as vezes a tua família é mais a equipe do que a tua própria família, então se tu não tem o apoio familiar acho que tu não vai a lugar nenhum. Tu fica mais tempo fora de casa e é só por telefone, internet, hoje em dia ainda tem isso graças a Deus, então acaba, as vezes acaba, tem que deixar a família um pouco de lado para treinar, para entrosar melhor com a equipe, mas isso, se a família não está te dando esse apoio psicológico, e tu não vai para frente. Eu agradeço sempre a minha família.

⁹ Alexandre Carriconde Marques.

C.M. – Então Alex, a gente agradece muito a disponibilidade de ter vindo aqui, o seu depoimento é muito importante para a gente, principalmente porque na história oral a gente sempre tenta buscar vozes que nem sempre são ouvidas, para pesquisa e para valorizar essas práticas e em breve a gente entra em contato com a entrevista transcrita para a gente fechar, tá bom.

A.C. – Está ok.

C.M. – Muito obrigada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]